

Perguntava-lhes: Quantos pães tendes? Disseram: Sete.

Marcos
8:5

Que tendes?

Quando Jesus, à frente da multidão faminta, indagou das possibilidades dos discípulos para atendê-la, de certo procurava uma base, a fim de materializar o socorro preciso.

“Quantos pães tendes?”

A pergunta denuncia a necessidade de algum concurso para o serviço da multiplicação.

Conta-nos o evangelista

Marcos que os companheiros apresentaram-lhe sete pãezinhos, dos quais se alimentaram mais de quatro mil pessoas, sobrando apreciável quantidade.

Teria o Mestre conseguido tanto se não pudesse contar com recurso algum?

A imagem compele-nos a meditar quanto ao impositivo de nossa cooperação, para que o celeste Benfeitor nos felicite com os seus dons de vida abundante.

Poderá o Cristo edificar o santuário da felicidade em nós e para nós, se não puder contar com os alicerces da boa vontade em nosso coração?

A usina mais poderosa
não prescinde da tomada
humilde para iluminar um
aposento.

Muitos esperam o
milagre da manifestação do
Senhor, a fim de que se lhes
sacie a fome de paz e recon-
forto, mas a voz do Mestre, no
monte, continua ressoando,
inesquecível:

— Que tendes?

Infinita é a bondade de
Deus, todavia, algo deve sur-
gir de nosso “eu”, em nosso
favor.

Em qualquer terreno
de nossas realizações para a
vida mais alta, apresentemos
a Jesus algumas reduzidas

migalhas de esforço próprio e
estejamos convictos de que o
Senhor fará o resto.

(*Fonte viva*. FEB Editora. Cap. 133)

Socorro e concurso²⁶

Observemos que o
Senhor, diante da multidão
faminta, não pergunta aos
companheiros: “de quantos
pães necessitamos?” mas,
sim, “quantos pães tendes?”.

A passagem denota a
precaução de Jesus no sentido
de alertar os discípulos para
a necessidade de algo apre-
sentar à Providência divina
como base para o socorro que
suplicamos.

Em verdade, o Mestre

conseguiu alimentar milhares de pessoas, mas não prescindiu das migalhas que os apóstolos lhe ofereciam.

O ensinamento é precioso para a nossa experiência de oração.

Não vale rogar as concessões do Céu, alongando mãos vazias, com palavras brilhantes e comoventes, mas sim pedir a proteção de que carecemos, apresentando, em nosso favor, as possibilidades ainda que diminutas de nosso esforço próprio.

Não adianta solicitar as bênçãos do pão imobilizando os braços no gelo da preguiça, como é de todo impróprio

rogar aos talentos do amor, calcinando o coração no fogo do ódio.

Decerto, o Senhor operará maravilhas, no amparo a todos aqueles que te partilham a marcha...

Dispensará socorro aos que amas, transformará o quadro social em que te situas e exaltará o templo doméstico em que respiras...

Contudo, para isso, é necessário lhe ofereças os recursos que já conseguiste amontoar em ti mesmo para a extensão do progresso e para a vitória do bem.

Não te esqueças, pois, de que no auxílio aos outros

não prescindirá o Senhor do
auxílio, pequenino embora,
que deve encontrar em ti.

(*Reformador*, mar. 1957, p. 54)

✉ Texto publicado em *Palavras de vida
eterna*. Ed. Comunhão Espírita Cristã.
Cap. 9.